

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

VALIDAÇÃO DE DISCURSOS E OS IMPACTOS NO CAMPO DA LITERATURA DE CORDEL PARA PESSOAS LGBTQIAPN+

VALIDATION OF DISCOURSES AND THEIR IMPACTS IN THE FIELD OF CORDEL LITERATURE FOR LGBTQIAPN+ PEOPLE

Paula Kaliane Henrique Silva – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Leandra Alencar Soares Lima de Passo – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Luiz Tadeu Feitosa – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Lidia Eugenia Cavalcante – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: este estudo reflete a respeito dos mecanismos de controle e exclusão discursiva na esfera literária e como estes moldam questões relativas à identidade e a representação de grupos marginalizados na literatura. Nesse sentido, tem como objetivo analisar a dinâmica dos discursos que são produzidos e excluídos na literatura de cordel por meio da lógica discursiva, bem como seus possíveis impactos no reconhecimento das questões identitárias das pessoas LGBTQIAPN+. No que tange aos procedimentos metodológicos, configura-se como uma revisão de literatura narrativa, de caráter exploratório quanto ao objetivo e abordagem bibliográfica e qualitativa em relação ao aporte teórico. Como resultado, observou-se que os discursos ainda desempenham uma influência dominante sobre as narrativas voltadas para grupos sub-representados, a exemplo da população LGBTQIAPN+, e obras como a literatura de cordel, evidenciando a necessidade de aprofundamentos futuros e reflexões críticas, sobretudo no campo da Ciência da Informação, sendo esta uma área interdisciplinar e social. Considera-se que, embora haja tentativas de normatização, padronização e do silenciamento de vozes sub-representadas na literatura, a mediação da leitura emerge como estratégia fundamental para promover visibilidade e inclusão dessas obras, ampliar representações e sustentar a diversidade discursiva no espaço literário.

Palavras-chave: mediação da leitura; literaturas marginalizadas; discurso; apropriação leitora.

Abstract: this study reflects on the mechanisms of control and discursive exclusion in the literary sphere and how they shape issues related to identity and the representation of marginalized groups in literature. In this sense, it aims to analyze the dynamics of discourses that are produced and excluded in cordel literature through discursive logic, as well as their possible impacts on the recognition of LGBTQIAPN+ identity issues. In terms of methodological procedures, it is configured as a narrative literature review, exploratory in nature in terms of its objective and bibliographic and qualitative approach in relation to the theoretical contribution. As a result, it was observed that discourses still exert a dominant influence on narratives aimed at underrepresented groups, such as the LGBTQIAPN+ population, and works such as cordel literature, which highlights the need for future in-depth studies and critical reflections, especially in the field of Information Science, which is an interdisciplinary and social area. It is considered that, although there are attempts at normalization, standardization, and silencing of underrepresented voices in literature, reading mediation emerges as a fundamental

strategy to promote the visibility and inclusion of these works, expand representations, and sustain discursive diversity in the literary space.

Keywords: reading mediation; marginalized literatures; discourse; reading appropriation.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade é composta pelo conjunto de esferas ou domínios sociais que dialogam, reverberam, entram em conflito ou se excluem. Os sujeitos, sendo seres ativos que influem e tomam posições nesses campos, desempenham papéis diversos, que alteram suas dinâmicas conforme as interações, inserções e processos das regras sociais (Bourdieu, 2004). Essas regras, tais como a cultura, são produtos daquilo que as pessoas delimitam e estabelecem no contexto em que vivem. Desse modo, a partir de uma perspectiva dialógica do contexto, também atuam na sua formação e definem quem são, como se comportam naquele ambiente, bem como determinam os meios e instrumentos dos quais faz uso e se subordina, ou seja, os mecanismos de controle e exclusão.

Portanto, esses mecanismos correspondem a um conjunto de leis próprias perpetuadas por meio de discursos, alguns muitas vezes implícitos, que delimitam a influência desses espaços na sociedade e naqueles que integram cada grupo. Assim, nas palavras de Bourdieu (2004, p. 29) “Qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade”, logo, nos sistemas hierárquicos, as relações de poder operam não apenas na dimensão material como também na simbólica.

Neste sentido, caso semelhante pode ocorrer no meio literário, que é atravessado por estes mecanismos e repercute a influência de discursos dominantes acerca de um academicismo que irrompe como forma de valorização artística, ou seja, do que é arte e do que não é, e quais obras são reconhecidas como tal. Essa atitude molda como determinadas obras são criadas, perpetuadas e aceitas na sociedade. Por meio de um discurso de validação, a obra é tratada como um objeto técnico, sem identidade e, muitas vezes, sem autoria, na qual os sujeitos em posições de poder na esfera discursiva literária definem o que é literatura, como ela deve ser escrita e quem tem o direito de escrevê-la.

Ao longo da história, diversas produções literárias foram afetadas com modos diferentes desses discursos validados por instituições dominantes, seja por questões estéticas, estruturais e/ou históricas (Gama-Khalil, 2022). Os contos infantis eram considerados sem profundidade o suficiente para serem vistos como dignos de atenção, enquanto a literatura popular, como os cordéis, era “simplista” e repleta de um regionalismo que a afastava de tal

aceitação, assim como a literatura fantástica e narrativas de grupos marginalizados, isto é, retratando as vivências de mulheres, negros, povos indígenas, pessoas com deficiência (PcD), comunidade LGBTQIAPN¹, entre outros.

Obras como estas, mesmo após anos de luta contra a censura e pela reivindicação de espaços, continuam sendo excluídas do debate literário, e tal exclusão é justificada a partir do pensamento de que não correspondem àquilo que o campo aceita como produções de cunho artístico ou não estão imbuídas do academicismo esperado. Embora esse discurso seja produzido, é também controlado, e por muitas vezes desestimado, refém dos poderes e dos meios que o delimitam (Foucault, 1996). Esse controle pode ocorrer por meio de procedimentos de exclusão reforçados por discursos eruditos, como notamos no campo literário, principalmente em literaturas marginalizadas, como as mencionadas anteriormente.

Por conseguinte, essa exclusão tende a ser atribuída a um discurso institucionalizado de poder, conjecturando que tais obras não contribuem para a capacidade intelectual de seus leitores, ou mesmo subjugadas como simples e de pouca contribuição para a sua criticidade. Ainda, essa marginalização reflete a contrariedade da visão normativa acerca dessas histórias, isto é, obras sem se ater ao real, no caso da literatura fantástica, ou que correspondem aos grupos sub-representados. No âmbito desta pesquisa, ressaltamos que a utilização de termos como sub-representados, minoritários e marginalizados tem como propósito discutir sobre as situações de exclusão, discriminação, preconceito e desigualdades vivenciadas por determinados grupos sociais, embora sejam em alguns casos maioria quantitativa na sociedade, como ocorre com as mulheres.

A respeito da literatura, salientamos que esta é uma arte e um meio simbólico poderoso e diverso que constrói diferentes representações socioculturais e, por isso, também é dialógica, visto que interfere e proporciona o debate, bem como a troca simbólica com todos que a ela têm acesso, por meio da sua aproximação com o real, afinal de contas, o ato de ler é “sempre apropriação, invenção, produção de significados” (Chartier, 1998, p. 77). Essa liberdade proporciona um próspero debate de diferentes culturas entre distintos povos e

¹ A referida sigla é utilizada para representar as orientações sexuais e identidades/expressões de gênero, sendo elas: Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Transgênero e Travesti, *Queer*, Intersexual, Assexual, Pansexual, Não-binário e demais grupos que compõem esta comunidade e movimento político e social.

representações, contribuindo para sua importância como instrumento de construção social, identitária, política e cultural.

Com base no exposto, podemos observar que essa exclusão, disseminada por meio do discurso validativo, inviabiliza grupos minoritários a partir do controle de seu discurso, o que pode ocasionar uma homogeneização identitária, na qual o regionalismo e a própria cultura das pessoas, suas posições, classes, etnias e demais marcadores sociais, acabam por se perder em decorrência da perpetuação desse discurso, afetando as suas representações como sujeitos e suas identidades culturais.

No caso da literatura de cordel, que possui suas origens na oralidade e um forte regionalismo, esta exclusão impacta diretamente nas representações identitárias culturais e no modo de ser dos sujeitos. Conforme Curran (2001, p. 20) “seus poetas são do povo e o representam nos seus versos”, entretanto, tais representações podem sofrer sob o viés de discursos dominantes, interferindo na construção das identidades, mesmo ao se considerar que o cordel atua a partir de elementos subversivos como a união do cotidiano com a ficção.

Diante disso, elencamos a seguinte questão norteadora: como os mecanismos de controle e exclusão discursiva, especialmente no campo da literatura de cordel, impactam na representação da identidade cultural de pessoas LGBTQIAPN+? A partir deste questionamento, esta pesquisa tem como objetivo analisar a dinâmica dos discursos que são produzidos e excluídos na literatura de cordel por meio da lógica discursiva, bem como seus possíveis impactos no reconhecimento das questões identitárias das pessoas LGBTQIAPN+. Em decorrência da existência de várias literaturas voltadas a esses grupos marginalizados, optamos por realçar neste trabalho o contexto da literatura LGBTQIAPN+ e a validação de seus discursos, além da literatura de cordel e o uso do aspecto fantástico para expressar realidades sociais concretas.

A respeito das justificativas deste estudo, *a priori* ressaltamos o viés acadêmico e científico, posto que interferências cruas e sem a devida atenção às identidades intercedem nos universos simbólicos dos sujeitos, reforçando uma marginalização já presente na sociedade contra grupos sub-representados e no modo como ocorre a mediação entre as obras a partir das visões de mundo de autorias e da pessoa leitora que, num processo dialógico, podem criar representações ricas em diversidade e contribuir para a construção de uma cultura mais plural. Portanto, é importante discutir na Ciência da Informação (CI) como esses contextos influenciam as relações sociais, de identidade, representação desses grupos

marginalizados e seu impacto social, considerando o seu caráter enquanto campo interdisciplinar e que se propõe a investigar a respeito dos sujeitos e suas vivências, bem como os fenômenos da sociedade.

Como justificativa política e social, destacamos a necessidade de revisitar um debate mais voltado para a representação simbólica de grupos marginalizados, que perpassam pela violência da exclusão, dentre tantas outras, e encontram na literatura uma forma de trazer suas visões, ideias e experiências, bem como assumirem suas posições como sujeitos na sociedade. Considerando que a literatura une uma diversidade de vozes, envolvendo autorias e possíveis leitores, de modo a construir unidades de discursos diferenciadas para uma época, estabelecendo laços entre a cultura e a literatura (Bakhtin, 2011) e perpassando também pelas questões de representação, logo identitárias, julgamos pertinente abordá-la como protagonista deste estudo para entender os desdobramentos das representações nas produções literárias, como o cordel.

Destarte, esperamos que, mediante a discussão suscitada, outros estudos possam surgir no campo científico, sobretudo na esfera da CI, ampliando o debate sobre as temáticas apresentadas, visando o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva, justa e diversa, que valorize a literatura para além da perspectiva acadêmica, mas que, ao mesmo tempo, permita seu reconhecimento neste meio.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

No que concerne ao percurso metodológico, a pesquisa é bibliográfica, partindo de uma revisão de literatura narrativa acerca das temáticas de literatura e validação de discursos, assim como da mediação de leitura. Desse modo, realizamos uma revisão narrativa tendo em vista que esta permite uma ampla discussão, além de serem “apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o ‘estado da arte’ de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual” (Rotler, 2007, p. 1).

Na perspectiva de Bentes Pinto e Cavalcante (2015), toda produção científica perpassa pela construção de um método bibliográfico, afinal, não é possível compreender o estado da arte acerca das temáticas que embasaram a escolha e definição do objeto investigado sem que antes tenha conhecimento sobre o que se pretende aprofundar, descobrir ou debater em um trabalho acadêmico. Nesse sentido, quanto ao objetivo, este é exploratório, posto que o intuito do artigo é identificar e analisar como a construção de discursos propicia a exclusão,

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

inviabilizando e negando a valorização das obras literárias, sobretudo aquelas que são escritas e representadas por grupos marginalizados, com foco especial na literatura de cordel e LGBTQIAPN+. Conforme Köche (2011, p. 126), a investigação exploratória intenciona “descrever ou caracterizar a natureza das variáveis que se quer conhecer”, portanto, possibilita examinar comportamentos, fenômenos, grupos e suas relações em um determinado contexto pouco conhecido. No que tange este estudo, além da identificação dos mecanismos de poder advindos dos discursos como elementos que desvalidam a literatura que não é considerada culta, formal e erudita, almejamos alcançar reconhecimento e visibilidade para estas produções a partir da associação com as ações mediadoras em ambientes informacionais.

Para a fundamentação teórica, no primeiro momento, buscamos a produção científica a respeito dos assuntos da pesquisa em bases como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e a Base de Dados em Ciência da Informação (Brapci). Os termos utilizados para recuperação foram “literatura e discurso”, “validação discursiva”, “literatura marginalizada” e “universo simbólico”.

Contudo, a quantidade de pesquisas recuperadas nas bases escolhidas a respeito dos temas propostos foi reduzida, mesmo com a recuperação sendo dividida nas fases sem delimitação do ano de publicação e com recorte temporal, isto é, entre 2015 e 2025, o que exigiu um aprofundamento teórico em outros campos científicos como a Comunicação e os Estudos Literários, além da inclusão de outros textos acadêmicos, como livros, para fundamentar as discussões. Logo, elegemos o recorte dos últimos 10 anos devido à atualidade das produções sobre as temáticas abordadas, proporcionando um estudo melhor fundamentado nos debates recentes de modo a contribuir para a expansão de tais discussões, considerando sua relevância social e política.

Em relação às outras áreas do conhecimento, buscamos promover um diálogo interdisciplinar ao considerar a necessidade de abordar autorias cujas teorias são relevantes dessas áreas para a discussão promovida, como o dialogismo discutido por Bakhtin (2011), do discurso em Bourdieu (2004) e as construções culturais por Geertz (2008), entre outros. Essa aproximação com a CI é justificada pelo seu viés interdisciplinar, que promove novas discussões a partir de teorias fundamentadas em áreas afins, de modo a contribuir para a expansão do conhecimento científico de forma colaborativa. Sendo assim, a partir do

levantamento bibliográfico, os materiais selecionados foram analisados sob o viés da validação de discursos no âmbito literário relacionado às autorias da CI e campos correlatos.

Além disso, adotamos a utilização de uma abordagem qualitativa visando uma análise aprofundada do estado da arte. Segundo Minayo (2007, p. 21), os estudos qualitativos investigam os “[...] significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, ou seja, analisam os aspectos subjetivos da realidade social que não são quantificados. Desse modo, nesta pesquisa foi possível articular conexões dos assuntos centrais com as práticas de mediação da leitura e o papel das ações mediadoras na visibilidade e inclusão dos grupos sociais marginalizados e das suas representações na literatura.

3 LITERATURA E DISCURSO: FRONTEIRAS ENTRE EXCLUSÃO E REPRESENTAÇÃO

A literatura, como arte dialógica, não é neutra. É um campo social e discursivo, repleto das relações de poder, sendo um espaço de trocas simbólicas, por vezes, excludentes. Ela fornece uma aproximação do real, mas, ao mesmo tempo, o difere por meio da diversidade de visões acerca do mesmo objeto. É por meio da estética, de seu espaço como arte e conseqüentemente como instrumento de criação, que a literatura possibilita múltiplas trocas entre os sujeitos, atuando como meio de representação do real e de subversão da realidade, criando diversos sentidos, significados, apropriações e ressignificações.

Saindo da perspectiva estruturalista sobre o que é considerado obra de arte, e partindo para a abordagem sociológica, os estudos de Bakhtin provocaram rupturas e trouxeram reflexões a respeito da interpretação das manifestações artísticas, ou seja, a partir das culturas na qual estão inseridas e não por fatores dominantes (Gama-Khalil, 2022).

Assim, para Bakhtin (2011, p. 175) a obra de arte deve ser entendida:

[...] não como objeto de um conhecimento puramente teórico, desprovido de significação de acontecimento, de peso axiológico, mas como acontecimento artístico vivo - momento significativo de um acontecimento único e singular do existir; e é precisamente como tal que ele deve ser entendido e conhecido nos próprios princípios de sua vida axiológica, em seus participantes vivos, e não previamente amortecido e reduzido a uma nua presença empírica do todo verbalizado (o que é acontecimento e tem significado não é a relação do autor com o material, mas com a personagem).

Portanto, como acontecimento vivo, a literatura perpassa por subjetividades e nuances que não decorrem de uma categoria puramente técnica ou teórica, posto que seu valor por vezes está na individualidade, no subjetivo e nas múltiplas significações que carrega

uma única obra. Considerando que as obras literárias trazem em si aspectos sociológicos e forças sociais que se cruzam (Bakhtin, 2011), é importante ressaltar que a literatura é um produto cultural, o que significa que esta, mesmo quando corresponde a um universo ficcional e fantástico, absorve, representa, ressignifica e transforma as dinâmicas sociais.

Esses processos de significação ocorrem por intermédio dos leitores, principais atores na construção de sentido de uma obra. São as pessoas leitoras que se conectam com o enredo, personagens, ideias e particularidades de uma criação, eles são responsáveis pela perpetuação desses aspectos, a partir de um entendimento individual e pessoal, ou seja, do modo como se apropriaram do texto em conjunto com o contexto em que vivem — social, cultural, político e histórico. Destarte, apesar dos objetivos estabelecidos pelas autorias, suas obras sofrem interferências e, portanto, são ressignificadas mediante os universos simbólicos de seus leitores.

Assim, ao discutir sobre leitura pela perspectiva da CI, Dumont (2020, p. 32, grifo da autora) identifica três aspectos essenciais para a efetivação e apropriação da leitura, são eles: “1) o **contexto**, quando se verifica que a interpretação da leitura depende de fatores sociais e culturais da vivência do leitor; 2) o **sentido**, o como o leitor interpreta e significa as suas leituras; e 3) a **motivação**, que leva o sujeito a querer ler determinada obra”. Desse modo, verificamos que ao excluir representações ou reduzi-las a algo estereotipado sem o devido cuidado com os aspectos identitários e culturais das pessoas e de determinados grupos sociais, a apropriação leitora não é devidamente alcançada, posto que ao buscar possíveis conexões com uma obra, a pessoa leitora pouco encontrará de si e da sua realidade. Portanto, a apropriação mencionada pela autora não ocorrerá, afetando desde os construtos simbólicos bem como as suas motivações para a leitura.

Com base nisso, notamos a importância de compreender a obra a partir de aspectos sociais, identitários e de representação, considerando os diversos universos simbólicos culturais. Afinal, como nos revela Geertz (2008, p. 4), o ser humano “[...] é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”, e é por meio do entendimento desses significados que podemos construir a relação entre os universos simbólicos e as narrativas literárias. No caso da literatura fantástica, por exemplo, temos histórias que mesclam aspectos do real com elementos sobrenaturais, e que, apesar de tais elementos contrastarem aparentemente com a realidade da pessoa leitora, muitas vezes são usados como estratégia

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

narrativa para abordarem o real por meio de um discurso subversivo, como uma crítica frente aos discursos dominantes.

A literatura fantástica, mesmo que acompanhada por aspectos mágicos, fantasiosos surreais e sobrenaturais, desperta os leitores para uma postura e sentidos mais críticos a partir justamente dessas ferramentas, por meio de uma lógica de contraste em que o absurdo é notado e colocado em questionamento de modo mais incisivo do que se fosse reproduzido tal como a realidade, que por vezes passa despercebido, afinal, o fantástico, como nos aponta Lisboa (2021, p. 199, grifo nosso), é:

[...] uma vertente literária que **estimula a imaginação** dos leitores ao misturar **elementos da realidade com os da fantasia**, despertando tensões e temores, sem que se desprezem os conselhos (informações, denúncias) que esse gênero pode trazer à vida cotidiana. Dentre os quais, ressalta-se aqui o rico universo das vivências sociais e familiares, com as suas relações de afeto, mas também com as fantasmagorias “reais”, provenientes das desigualdades de gênero e de classe que nos afligem.

Partindo desta passagem, percebemos a relevância da literatura em possibilitar esse diálogo entre vivências, sentidos e apropriações, seja com textos ficcionais ou não. Entretanto, mesmo no campo literário isto geralmente não ocorre deste modo. Como campo discursivo, a literatura depende de lutas de poder, poder este orientado por horizontes de sentidos e significados, permeado de uma mediação comunicativa (Han, 2019), esta mediação decorre das construções de sentidos no campo literário por meio do discurso. Porém, este discurso, como já dito anteriormente, não é neutro, e sim condicionado por estruturas de poder e saber (Foucault, 1996). Essas estruturas atuam mediante mecanismos de validação e exclusão, como a censura, legitimação e mediados por instituições de poder, acadêmicos, críticos e mercado editorial.

O discurso acerca da validação da obra, amparado por aspectos unicamente técnicos e editoriais, decide muitas vezes quais obras serão consagradas em torno de uma lógica do exótico ou excluídas pelo discurso do ideal da legitimidade da “boa escrita”, que critica regionalismos, oralidade e linguagens expressamente vinculadas a comunidades marginalizadas. Por vezes, a obra é mantida no discurso dominante, mas sofre alterações de conteúdo e escrita, principalmente para “corrigir” regionalismo e dialetos, que impõem ali um **Outro**, um universo simbólico que violenta a criação original, censurando-a com a sua sobreposição, escondendo o lugar do “**Eu**” da pessoa autora. Essa disputa por posições reflete

no discurso como este sendo objeto de desejo e poder, e é **por meio** dele que se luta, mas ele próprio é **pelo que** se luta (Foucault, 1996, grifo nosso).

Logo, notamos que esse ideal discursivo muitas vezes decorre de uma preocupação excessiva por normas, que afetam diretamente a visibilidade e põem em risco a qualidade da obra apenas pela busca por critérios técnicos, como a ortografia e o uso da norma culta padrão (Viscardi, 2024), tentando excluir aquilo que a torna única e causando, conseqüentemente, a perda da identidade cultural que a permeia, como nos cordéis e na literatura de comunidades negras, indígenas entre outras.

Assim, a alteração de características identitárias de um sujeito ou do grupo que ele pertence e/ou busca representar como sujeito criador, interfere em seu universo simbólico e interfere em todo o processo de significação presente na obra como objeto vivo e plural, modificando também possíveis interpretações, novas representações e discursos a partir do processo dialógico da obra, afinal, para Thompson (2011, p. 165):

[...] a vida social não é, simplesmente, uma questão de objetos e fatos que ocorrem como fenômenos de um mundo natural: ela é, também, uma questão de ações e expressões significativas, de manifestações verbais, símbolos, textos e artefatos de vários tipos, e de sujeitos que se expressam através desses artefatos e que procuram entender a si mesmos e aos outros pela interpretação das expressões que produzem e recebem.

Esse silenciamento simbólico na literatura confronta uma das suas características fundamentais, a liberdade de representação de universos simbólicos, e sua relação dialógica com o real, visto que este é permeado de diversidade, e se esta é excluída do cenário, há um reforço da literatura como um conjunto de posições hegemônicas que dificultam um debate plural e diverso.

Isto posto, com a ausência de representação, a identidade desses grupos se encontra fragilizada, dependente e influenciada por um discurso mediacional de poder, em que a construção do campo os convence de adequarem e aceitarem normas sem uma violência evidente, mas com um discurso que pouco os representa. Tal aspecto assume um viés contraditório, por vezes problemático, pois como observa Bauman (2005, p. 84), “a identidade é uma luta simultânea contra a dissolução e a fragmentação; uma intenção de devorar e ao mesmo tempo uma recusa a ser devorado”, tensão esta que reside no cerne da explicação acerca da complexidade da construção identitária em diferentes contextos.

Desse modo, as estruturas de poder e formas de exclusão literária mencionadas se mantêm, enquanto os grupos sub-representados continuam a enfrentar exclusão e invisibilidade. Consequentemente, seus universos simbólicos e sua própria identidade sofrem perdas, dificultando a formação de comunidades estáveis e de uma sociedade respeitosa. Diante dessas dinâmicas e da hegemonia simbólica, evidenciamos como essencial compreender os impactos disso na construção das identidades dos sujeitos e da busca pela representação e a apropriação, temas estes discutidos a seguir pela perspectiva da mediação da leitura e da apropriação leitora.

4 REFLEXÕES SOBRE MEDIAÇÃO DA LEITURA, IDENTIDADE E APROPRIAÇÃO LEITORA NO UNIVERSO SIMBÓLICO

O leitor é, antes de tudo, um sujeito que interpreta e (re)produz significados (Chartier, 1998). Sendo assim, não há como discutir o processo de mediação, cultural, informacional ou leitora, sem que, numa primeira instância, sejam contextualizados os aspectos imbricados no ato mediador, diretamente relacionados às formas como as pessoas consomem, produzem, ressignificam e se apropriam das informações.

Nesse sentido, ressaltamos Paulo Freire (1986, p. 22) e a sua compreensão de que “A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por certa forma de escrevê-lo ou reescrevê-lo, de transformá-lo através da nossa prática consciente.” A partir dessa perspectiva, o autor nos leva a pensar como as palavras e os discursos provenientes delas não são neutros, bem como a leitura e a escrita não são apenas habilidades técnicas e alfabetizadoras, mas elementos políticos que nos auxiliam a entender, interpretar e transformar a realidade vivida.

No que concerne à leitura, Assis e Santos (2022, p. 107) destacam que esta “pode ser entendida como um ato político, cultural e afetivo, que aproxima e apoia os sujeitos por meio de palavras, gestos, ambientes e ações.” Em relação ao texto escrito, Viscardi (2024) argumenta que independente do tipo de registro, sejam crônicas, diários, poesias, clássicos da literatura, artigos científicos, entre outras, toda produção textual corresponde a um determinado momento ou experiência, ainda que não funcione como um espelho fiel da realidade e utilize recursos não convencionais para narrar uma história. Essa característica basilar revela a riqueza, importância e multiplicidade da literatura que, mediante suas nuances

subjetivas e coletivas, possibilitam que outras vozes sejam valorizadas, ultrapassando os moldes formais.

Ao discutir sobre o processo de mediação leitora, Cavalcante, Barreto e Sousa (2020) observam que a leitura promove diálogos não apenas com o texto lido, mas com o mundo, as pessoas, suas experiências, culturas, valores e o sistema social no qual todos fazem parte e representam algo para si e para o outro. Isso significa dizer que o ato de ler é bem mais do que a operação de decifrar códigos e estabelecer conexões neurais e cognitivas, pois permite a pessoa leitora confrontar o seu contexto, a relação do que é lido com seus conflitos e afirmações internas, com a comunidade da qual faz parte e com a sociedade de modo geral, e as motivações que o impulsionam a ler e buscar sentidos (Sá; Paula, 2021).

Embora tenhamos destacado como o discurso tem o poder de reduzir, invisibilizar e até mesmo silenciar as representações literárias que divergem da premissa convencional, acadêmica e normativa, também precisamos reforçar seu lado positivo, isto é, a sua força humanizadora, proveniente daqueles que defendem a existência de representações dissidentes, que desafiam e recriam universos simbólicos inclusivos. Nesse sentido, Cavalcante, Barreto e Sousa (2020, p. 18-19) apontam que nas práticas mediadoras, o discurso, quando “[...] carregado de simbolismo e sentidos, mas principalmente de amor, demonstra o poder das narrativas orais, mediadas pelas inúmeras vozes dos mediadores de leitura, reverberando na criação de outras histórias.” Por isso, mediar é um ato político, de catarse, afetividade e ampliação do pensamento crítico, posto que por meio da condução de uma prática leitora, o mediador auxilia e desencadeia no público mediado noções de pertencimento, autonomia, identidade e, em especial, a emancipação e o enfrentamento às injustiças e desafios.

Em consonância com Assis e Santos (2022) e rompendo com a noção de que as ações de mediação da leitura correspondem apenas a contação de histórias e ao espaço das bibliotecas, esclarecemos que neste processo, os mediadores desempenham diversas atividades de fortalecimento, reflexão e incentivo à leitura. Sendo assim, destacamos como alternativas os debates, práticas de biblioterapia, oficinas de escrita e tantas outras, que podem ser realizadas tanto em ambientes físicos (museus, praças, escolas etc.) como virtuais (ou seja, em clubes de leitura *online*, fóruns na internet e perfis em redes sociais), utilizando múltiplos formatos, gêneros e representações literárias nas práticas mediadoras.

**XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025**

A mediação da leitura, quando direcionada às obras que ultrapassam os caminhos do cânone literário, isto é, com narrativas fantásticas, textos feministas, romances LGBTQIAPN+, literatura negra, e tantas outras que representam grupos marginalizados e caminham na contramão dos padrões clássicos e normativos de escrita, revelam uma prática política de reconfiguração simbólica. Portanto, podemos dizer que no âmbito da leitura e do universo simbólico, elementos como a identificação e o pertencimento surgem tanto da necessidade de representações individuais e coletivas como pelos conflitos com as normas estéticas.

Para Perrotti e Pieruccini (2007), as questões que cercam o vínculo identitário surgem em contextos e períodos marcados por rupturas paradigmáticas, ocasionando transformações nas diversas esferas, sejam elas sociais, políticas, artísticas, econômicas filosóficas, culturais etc. Em relação às noções de identidade, quando confrontadas com situações hegemônicas, verificamos como resposta aos discursos de poder os processos de resistência, negociação e apropriação. Como consequência, surgem novas formas de pensar e reivindicar espaços, bem como a busca pelo pertencimento e a criação de narrativas que rompem com estereótipos, no caso do universo literário.

A exemplo disso, quando jovens LGBTQIAPN+ frequentam clubes de leitura ou participam de mediações realizadas com o suporte de livros com protagonismo *queer*, que oferecem a pessoa leitora reflexos de sua identidade/expressão de gênero e orientação sexual, a literatura assume um território de afeto, liberdade, identificação e resistência. Conforme evoca Petit (2010, p. 288), “Todo ser humano sente, de modo vital, necessidade de ter à sua disposição espaços onde encontrar mediações ficcionais e simbólicas”, principalmente quando o intuito dessas práticas é, diante do alcance das dimensões mediacionais e da apropriação da informação e da leitura, ampliar a criticidade e a consciência de si e do seu papel no mundo.

Nesse ínterim, a apropriação leitora permite aos indivíduos o que Sá e Paula (2021) denominam como experiências estéticas. Estas correspondem às emoções, sensações, reflexões e relações estabelecidas entre a obra lida e o leitor. Nesse sentido, a linguagem literária transcende a decodificação textual, pois ativa no processo de leitura conexões singulares. Quando sentimos estranhamento por determinada situação lida, nos identificamos e nos emocionamos com a história, ou até mesmo evocamos imagens, texturas, sons, gostos e cheiros, podemos observar que existe uma comoção estimulada por memórias, afetos, traumas e vínculos, seja com aspectos da realidade ou não.

A ação [de] leitura se inicia por algum estímulo, por alguma vontade de ler — há a leitura forçada, que pode até despertar a vontade à medida que o leitor avança na ação, ou não, causando desestímulo. Desde essa fase, o leitor vasculha seu intelecto e decide se interessa ou não a ele ler determinado texto; pode ser simplesmente por prazer ou para adquirir conhecimento. A partir disso, deduz-se que o leitor começa a decodificar a escrita, mas é, acima de tudo, a sua inscrição em um determinado contexto, ou espaço, o seu relacionamento consigo mesmo e com os outros, o principal fator da leitura. Pode-se então afirmar que ler é um trabalho de linguagem, no entanto e principalmente, de pertencimento social (Dumont, 2020, p. 49-50).

Em consonância com a interpretação proposta por Dumont (2020) na citação acima, destacamos ainda que, para a pessoa leitora, a construção e inserção desse universo simbólico no ato da leitura não é pacífica, mas sim confronto, seja com a sua própria história, com a cultura dominante ou com as identidades impostas pelo discurso. Logo, a mediação da leitura tem um papel crucial de transformação, pois o mediador tem como responsabilidade possibilitar que os sujeitos envolvidos nas ações mediadoras, de forma consciente, alterem as concepções de exclusão, normativas e opressoras, trespassando para o campo da visibilidade, do pertencimento e da validação de textos que subvertem normas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante discussões realizadas ao longo do estudo, evidenciamos que, embora existam há bastante tempo e sejam amplamente consumidas por diversos públicos, as obras literárias consideradas marginalizadas, isto é, que não seguem a norma técnica e padronizada e trazem como foco grupos sociais sub-representados, ainda encontram obstáculos no que concerne a sua validação e reconhecimento enquanto arte e literatura. A partir disso, constatamos que o objetivo da pesquisa foi contemplado, sobretudo porque, ao analisar o papel dos discursos, percebemos que quando assumem uma tendência padronizada e normativa, tanto pelo viés social e político sustentado pelos mecanismos de poder, bem como pela valorização de uma literatura erudita e considerada culta por seguir as regras de escrita são, na maioria das vezes, responsáveis pelo silenciamento simbólico e identitário dessas narrativas.

Isto posto, verificamos que a mediação da leitura atua como aliada no processo de visibilidade textual e social, principalmente quando observamos que nas práticas mediadoras, o profissional mediador é aquele que não apenas dialoga e interfere de forma colaborativa, mas é também o sujeito capaz de promover a criticidade, o empoderamento e apropriação

informacional. No que tange a literatura voltada para grupos sub-representados, assim como as de caráter popular e não tradicional em termos estruturais, a exemplo do cordel, essas ações mediadoras reverberam em aceitação, valorização e inclusão. Estes aspectos são vistos como caros à dinâmica de acesso e ressignificação da informação, em especial quando identificamos que as atividades realizadas nos ambientes informacionais podem potencializar o senso de identidade e pertencimento das pessoas envolvidas por intermédio da apropriação.

Ademais, ressaltamos a importância de discutir sobre essas temáticas no âmbito acadêmico, sobretudo porque, enquanto campo de caráter social, a CI e suas autorias podem responder questionamentos sociais e informacionais ao buscar compreender os fenômenos destacados, bem como gerar novos debates a respeito da valorização de uma literatura menos padronizada e mais inclusiva, diversa e representativa.

Diante dessas considerações, esperamos que trabalhos posteriores, seja por meio de novos estudos ou abordagens metodológicas distintas, possam ampliar e aprofundar essas discussões, com enfoque em determinados grupos historicamente sub-representados como mulheres, população LGBTQIAPN+, povos indígenas, negros, pessoas com deficiência e demais grupos sociais. Além disso, consideramos oportuno, como sugestão para pesquisas futuras, analisar as possíveis intersecções desses marcadores sociais na literatura de cordel, associado a temas como a representação, acesso e apropriação da informação.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

ASSIS, P. O.; SANTOS, R. R. O ato de ler e a mediação da leitura conscientes: perspectivas fundamentadas nas dimensões da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 106–125, 2022. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/43754>. Acesso em: 21 abril 2025.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BAUMAN, Z.; VECCHI, B. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

BENTES PINTO, V.; CAVALCANTE, L. E. Pesquisa bibliográfica e documental: o fazer científico em construção. *In*: BENTES PINTO, V.; VIDOTTI, S. A. B. G.; CAVALCANTE, L. E. **Aplicabilidades metodológicas em Ciência da Informação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 15-34.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

CAVALCANTE, L. E.; BARRETO, D. Q.; SOUSA, L. F. **Mediações de leitura**: o ato de ler que nos conecta. Fortaleza: Edições Pausa, 2020.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

CURRAN, M. J. **História do Brasil em cordel**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2001.

DUMONT, L. M. M. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In*: DUMONT, L. M. M. (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. p. 21-52.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 15. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

GAMA-KHALIL, M. M. Análise do discurso e literatura: diálogos plausíveis. **Gláuks**: Revista de Letras e Artes, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 26–43, 2022. DOI: 10.47677/gluks.v22i01.297. Disponível em: <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/view/297>. Acesso em: 03 maio 2025.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HAN, B. **O que é poder?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LISBOA, M. F. Leitor, leitura e seus contextos na literatura fantástica. *In*: DUMONT, L. M. M.; MENDONÇA, I. L. (org.). **Leitor, leitura e seus contextos**: livro de estudos. Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 179-201.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 9-29.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. *In*: LARA, M.; FUJINO, A.; NORONHA, D. (org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2007. p. 47-96.

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, [S. l], v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 ago. 2025.

SÁ, J. P. S.; PAULA, C. P. A. Aspectos simbólicos da leitura literária em contextos de adversidade. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., 2021, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANCIB, 2021.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

VISCARDI, J. M. **Escrever sem medo**: um guia para todo tipo de texto. São Paulo: Planeta, 2024.